

PROBLEMAS DA UTILIZAÇÃO DA TERRA NOS ARREDORES DE CURITIBA*

LYSIA MARIA CAVALCANTI BERNARDES
da Divisão de Geografia do C N G

Talvez, em nenhuma grande cidade brasileira o viajante depare uma zona agrícola circundante tão populosa, tão próspera e tão próxima como em Curitiba. Como fruto de uma sábia política colonial oficial e particular, o que até então era o espaço quase livre da grande propriedade, cercando uma cidade de uns dez mil habitantes, povoou-se a partir da década de 1860, por imigrantes de diferentes nacionalidades.

No dizer de PIERRE DENIS¹, que os surpreendeu no auge de sua expansão e prosperidade, esses núcleos constituíam, como ainda constituem uma autêntica *banlieue coloniale*.

Assinale-se, de passagem, o ineditismo deste plano colonial, até hoje não imitado, qual seja o de se criar pequenos núcleos de número reduzido de lotes em torno de um centro urbano, em vez de se fundar grandes colônias destinadas a povoar o sertão longínquo, desbravando a mata virgem. A presença de todos estes núcleos não somente garantiu e garante o abastecimento da cidade, como também contribuiu grandemente para o crescimento da mesma. Nas colônias encontrava-se sempre mão-de-obra disponível e, por outro lado elas desempenhavam função de mercado consumidor dos produtos importados pelos comerciantes de Curitiba ou já aí fabricados.

Há quase um século foram fundadas as primeiras colônias. O visitante que percorre os arredores da capital paranaense encanta-se com os jardins floridos, os parreirais, os pequenos pomares, com as típicas habitações de pranchas de pinho colocadas verticalmente e teto bastante inclinado, situadas a grande proximidade uma das outras. Admira-se também com o número dos núcleos povoados, via de regra dominados por imponentes igrejas. Algumas das primeiras colônias, aliás, não serão mais identificadas pelo forasteiro, subneigidas que foram pela propagação contínua da área urbana de Curitiba. Área urbana que vem, por outro lado, absorvendo o excedente daquela população de origem étnica diversa, que se vê transitando pelas estradas, pelas ruas dos anabaldes, ou laboando em volta das casas ou nos pequenos lotes: ítalo, teuto, eslavos, etc.

A freqüência dos aglomerados ou das habitações isoladas, a circulação intensa e as pequenas propriedades perceptíveis na paisagem dão uma primeira impressão de ocupação plena e de exploração intensiva da terra. Ao geógrafo experimentado, porém, a investigação conduz à conclusão decepcionante de que na maior parte dos casos o modo de utilização da terra se caracteriza, em essência, pela aplicação dos mesmos métodos rotineiros e extensivos que dominam nas remotas colônias do planalto paranaense, longe dos mercados e das principais vias de comunicação.

A importância da localização do produtor em relação ao mercado consumidor é um princípio de valor inegável na compreensão dos fatos de geografia econômica. WAIBEL², apoiando neste princípio e inspirado em VON THUNEN³, construiu toda uma teoria que se tornou básica para a compreensão da paisagem criada pela colonização européia no sul do Brasil. Mostrou-nos, então, como a distância e o isolamento tolheram a evolução técnica de muitos dos agricultores que povoaram as numerosas colônias criadas em toda a região. Não deixam, portanto, de constituir ponto de interesse, senão, mesmo de perplexidade para o observador, as condições técnicas predominantes em torno de Curitiba. A distância era pequena, estradas

* Serviram de base para esse trabalho as observações de campo realizadas em duas viagens feitas em 1948 e 1950 pelo autor, geógrafo do Conselho Nacional de Geografia, sob a orientação do professor LEO WAIBEL.

¹ DENIS, Pierre — *Le Brésil au XX^{ème} siècle*, 312, p., Armand Colin, Paris, 1909

² WAIBEL, Leo — "Princípios de Colonização Européia no sul do Brasil" *Revista Brasileira de Geografia*, ano XI, n^o 2, p. 159-216

³ WAIBEL, Leo — "A teoria de Von Thünen sobre a influência das distâncias do mercado relativamente à utilização da terra". *Revista Brasileira de Geografia*, ano X, n^o 1, pp. 3-32



FOTO 1 — *Aspecto da cidade de Curitiba, cujo progresso e crescimento muito devem à população das colônias de seus arredores* (Foto C N G Jablonsky)

carroçáveis logo foram abertas e o colono quase sempre podia ir à cidade voltar no mesmo dia e, apesar disso, em grande parte da já citada *banlieue coloniale* não se comprovava a prática de métodos agrícolas intensivos. Somente em alguns núcleos estes foram observados.

Para a compreensão dessa diversidade nos sistemas de utilização da terra e da permanência de técnicas rotineiras entre colonos de origem européia, apesar das condições quase ideais de proximidade de mercado, devemos primeiramente analisar mais de perto a distribuição das colônias em torno de Curitiba, estabelecendo a correlação necessária com as condições de solo e a cobertura vegetal.

Eגיע-se a capital paranaense sobre uma bacia sedimentar recente, constituída por argilas plásticas de granulação muito fina e impermeáveis e outras argilas onde a presença de seixos rolados e semi-rolados revela a origem fluvial de parte desses depósitos⁴. A topografia atual apresenta vales largos e suaves, facilmente modelados nas argilas. Estas são permeáveis, de maneira que o lençol d'água está bastante aprofundado, o que talvez tenha influência sobre a cobertura vegetal, constituída por campos.

De fato, são os campos que ocupam a maior parte da bacia sedimentar de Curitiba: campos de relva baixa e contínua, com pequenos arbustos muito espaçados de 1 metro de altura no máximo. São numerosos, no entanto, os capões constituídos por árvores de folhas perenes sobre as quais se distinguem as araucárias. Aparecem os capões, nas cabeceiras dos pequenos córregos e por vezes também sobre as baixas colinas, formando as manchas de mata cuja frequência fez com que SAINT HILAIRE ao descrever a região falasse em *une vaste plaine ondulée, agréablement coupée de bois et de pâturages*⁵.

Os limites da bacia sedimentar são assinalados quase sempre na paisagem pelo contacto dessa zona mista de campos e matas com a floresta contínua de araucárias que recobria outrora quase todo o planalto cristalino. Neste contacto, a noroeste da bacia sedimentar foi que se originou a cidade de Curitiba. Os campos foram logo ocupados por criadores de gado, mas a floresta só lentamente foi sendo desbravada ao longo das estradas que demandavam o litoral, os Campos Gerais ou os campos de Curitibaanos, através do vale do rio Negro.

⁴ PAULINO FRANCO DE CARVALHO ("Geologia do Município de Curitiba" *Boletim* 82 do Serviço Geológico e Mineralógico) atribui ao Terciário esses sedimentos que, depois de estudos mais recentes REINHARD MAACK prefere situar no Quaternário, distinguindo dois tipos de depósitos: os primeiros, fluviais e lacustres datariam do Pleistocênio e os mais recentes, sedimentos fluviais e paludais corresponderiam ao Holocênio continental (vide *Mapa Geológico do Estado do Paraná*, 1:750 000, 1953).

⁵ — SAINT HILAIRE, Auguste de — *Voyage dans les Provinces de Saint-Paul et de Sainte-Catherine*, tomo 2, Paris, 1851.

A partir de 1867 foram criados os núcleos coloniais — cêca de tinta e cinco — origem da faixa agrícola que envolve a cidade, transbordando para os municípios vizinhos. Essas colônias, situadas quase tôdas a menos de 30 quilômetros de Curitiba, eram na sua maioria pequenas, com 30 a 50 lotes em média, embora algumas chegassem a possuir mais de 100 ou mesmo 200, como a de Tomás Coelho, no município de Araucária, que recebeu 275 famílias polonesas. Essa *banlieue coloniale* só é inexistente a leste, onde as grandes várzeas pantanosas formadas pelo alto Iguaçu e seus tributários permanecem quase completamente inaproveitados. Também imediatamente a sul e sudeste da cidade ela se interrompe, para reaparecer vários quilômetros adiante.

Se atentarmos bem sôbre a distribuição das colônias veremos que os núcleos fundados no século XIX — e são a quase totalidade — situavam-se todos sôbre os terrenos cristalinos, concentrando-se os mais próximos ao norte e oeste da cidade. Esta marcava nessa direção o limite da bacia sedimentar e colônias fundadas a três ou quatro quilômetros do centro urbano já se encontravam sôbre o cristalino, o que vale dizer, em terras de mata. Daí para o



FOTO 2 — Imponente igreja de Umbaú, povoado de colonos italianos ao sul de Curitiba. Ao lado vê-se antigo templo ainda inacabado. A riqueza da igreja contrasta com o aspecto geral do povoado, constituído por casas pequenas, via de regra pobres, sempre construídas de madeira. (Foto Orlando Valverde)

noite e para o oeste, a expansão das colônias se fez sem interrupção, nos atuais municípios de Colombo, Campo Largo, Timbu, Timoneira e, mesmo, Bocaiúva. Para o sul, no entanto, só depois de ultrapassado o limite da bacia sedimentar a distâncias superiores a 15 ou 20 quilômetros é que recomeça a área colonial. Aí se alcança novamente a zona de mata contínua e as colônias se sucedem em terras dos municípios de São José dos Pinhais e Araucária.

A situação de tôdas essas colônias em terrenos de mata enquadrava-se dentro do pensamento então generalizado e que até hoje perdura em muitos meios, de que a lavoura só devia e só podia ser praticada em terras de mata, deixando-se à criação de gado as pastagens naturais. Assim sucedeu como já tem sido salientado em todo o sul do Brasil, próximo ou longe dos centros povoados⁶.

⁶ WAIBEL, Leo — "Princípios da Colonização Européia no Sul do Brasil" *Revista Brasileira de Geografia*, Ano XI, n.º 2

Estas condições devem ter contribuído para manter também aqui a dissociação entre agricultura e pecuária, permanecendo a maioria dos colonos como simples agricultores

Em quase todos esses núcleos se dedicaram os colonos às práticas agrícolas, desbravando a mata para vender lenha e preparar as roças de milho, cultivando também, em pequena escala e próximo a suas casas, outros cereais e algumas hortaliças, além da vinha e de umas poucas árvores frutíferas. Adotaram os colonos a rotação milho-capoeira, que mantém até os dias atuais. A criação de gado é insignificante e cada pequeno proprietário possui apenas alguns animais de trabalho — equínos — e, por vezes uma ou outra vaca. Só os porcos são numerosos, destinados à venda na cidade. Perdura, assim, a tradicional separação entre a agricultura e a criação, o emprego do adubo animal limitando-se às culturas de quintal, como as hortaliças e, por vezes, batata inglesa.

Esta a situação na maioria dos núcleos coloniais, como se pode observar ao longo das estradas, em direção Campo Largo, Araucária etc. O sistema é sempre o mesmo, às vezes com rotações de prazo curto — dois ou três anos — às vezes mais longo, quando a área disponível é maior. Além do milho que ocupa as maiores áreas, muitas vezes intercalado com feijão, há umas poucas culturas e o mais são capoeiras. Estas constituem uma das melhores, senão a melhor fonte de renda do colono, pois são periodicamente cortadas para fornecimento de lenha à cidade. Com a continuidade de exploração, em muitos lugares a capoeira já se reconstituiu lentamente, e para substituí-la, generalizou-se na região o plantio da bracinga, cujo rápido crescimento proporciona lucros maiores. A venda de lenha é, pois, uma das atividades mais importantes do colono. O viajante que percorre os arredores de Curitiba pela manhã pode observar a todo momento na estrada as pesadas carroças coloniais carregadas de lenha. As facilidades de transporte dos dias de hoje e o aumento do consumo alargaram consideravelmente a faixa de fornecimento de lenha de Curitiba. Passados uns 20 quilômetros da cidade já não é a frequência das carroças que assinala a importância desse comércio para os colonos locais e sim a presença de pilhas de lenha à beira das estradas, aguardando a passagem dos caminhões.

Esta é a situação da maioria dos núcleos coloniais, mas apesar da persistência desse tipo de exploração em quase toda a faixa agrícola que circunda Curitiba, em certas áreas a prosperidade é evidente. Via de regra, a área mais próxima da cidade é a mais próspera, e a colônia italiana de Santa Felicidade bem pode servir de exemplo. É inegável o contraste entre este núcleo e o de Tomás Coelho, por exemplo, ou a zona em torno da sede do município de Colombo. A maior proximidade do centro consumidor — Santa Felicidade está a apenas 3 quilômetros deste — teria sido causa de um aprimoramento nas técnicas agrícolas e um aproveitamento mais intensivo? Nada disso se observa e o uso da terra é essencialmente o mesmo em toda a zona em questão.

Se alguns colonos gozam de maior prosperidade é em função de outros fatores e não de um sistema agrícola mais aperfeiçoado. É frequente se dedicarem esses colonos a outra atividade e muitos têm um ofício de ferreiro, seleiro, funileiro, ou trabalham na fabricação de barricas de pinho para as empresas de cava-mate o que pode ser observado em Umbará ou na zona de Quatro Barras. Por outro lado muitos colonos têm seus filhos trabalhando na cidade, no comércio, na indústria, ou como empregadas domésticas. Voltam à casa diariamente quando a proximidade é grande, como em Santa Felicidade, ou apenas nos fins

FOTO 3 — Vista panorâmica as elevações suaves recobertas de vegetação rasteira, da bacia sedimentar de Curitiba

(Foto Nilo Bernardes)



de semana, se a distância é maior. Sendo pequenos os gastos dos colonos, qualquer renda que possam obter representa um bom lucro, o que contribui para o aspecto próspero das colônias.

Assim, a maior proximidade do centro urbano tem favorecido certos núcleos, mas não de modo a provocar um apoinoramento nos processos agrícolas. Pelo contrário, as únicas colônias que apresentam uma ocupação mais intensiva situam-se a distância maiores, superiores a 20 quilômetros. É o caso da colônia Murici, situada a 6 quilômetros de São José dos Pinhais e 21 de Curitiba e ocupada por agricultores de origem polonesa. Até há algum tempo mantinham-se fiéis esses colonos ao tipo de aproveitamento já tradicional na região, vendendo em Curitiba lenha e alguns poucos produtos agrícolas. Não dispunham aí das facilidades já citadas decorrentes da grande proximidade de Curitiba, mas, por outro lado, também não era tão grande a atração exercida pela cidade sobre a população local.

Nestas condições, manter o mesmo tipo de uso da terra seria caminho para a estagnação ou a decadência, como sucedeu em Tomás Coelho e em várias outras colônias de Colombo e Campo Largo, na periferia da faixa agrícola em estudo. Impunha-se, pois uma modificação e esta se revela ao observador no interesse crescente pela produção de hortaliças e, paralelamente, pela criação de gado e fabricação de laticínios, já que a distância grande não permite o transporte diário do leite em carroças. Surge assim um aproveitamento mais intensivo, com a criação associada à agricultura, não nas áreas mais próximas da cidade mas em uma das colônias mais afastadas.

Também merecem menção, já fora da zona que depende exclusivamente de Curitiba como mercado consumidor, os poloneses da zona de Contendas (Serinha) e Auaucária que se dedicam à cultura em moldes comerciais da batata inglesa, produto bastante valorizado, recorrendo ao emprego de adubo para a obtenção de bons rendimentos. A área disponível é quase toda cultivada, pois quase não possuem gado (usam adubos químicos) e não precisam deixar crescer as capoeiras.

Nenhuma das colônias mais próximas da cidade nos apresenta atualmente uma evolução semelhante à desses dois casos citados. Não atuou a proximidade do mercado no sentido de um aproveitamento mais intensivo e, pelo contrário somos levados a crer que sua ação se fez em sentido contrário. A isto nos conduz o exame da situação de certos antigos colonos de Pilarzinho, núcleo predominantemente alemão, hoje alcançado pelos limites da área urbana. Em uma das propriedades desse núcleo, em função, exclusivamente, da mentalidade progressista do colono, estabeleceu-se há várias décadas um sistema intensivo de criação de gado leiteiro, associada à agricultura. Com o correr dos anos, não se alastrou na zona semelhante sistema. Pelo contrário, foi ele finalmente abandonado, pois com a atração crescente exercida pelo centro urbano sobre a população de sua periferia, tornou-se praticamente impossível obter a mão-de-obra regular e qualificada que o tipo de aproveitamento intensivo requeria.

O contraste entre a zona colonial eminentemente agrícola e a zona de campos, aproveitada para a criação extensiva, já se acha atualmente bastante atenuado. Ao longo das principais estradas que atravessam a bacia sedimentar, sobre as colinas recobertas de vegetação campestre ou nas manchas de mata aí existentes, sucedem-se, pequenos intervalos



FOTO 4 — Igreja de Santa Felicidade, sede do próspero núcleo colonial criado por particulares a 3 km de Curitiba, com imigrantes italianos vindos do litoral

(Foto C N G Jablonsky)



FOTO 5 — Aspecto dos campos de cultura em Serrinha (Município de Lapa). Os colonos, de origem polonesa, praticam rotação de culturas, com emprego de adubos, visando sobretudo a produção de batata inglesa

(Foto Orlando Valverde)

as casas de madeira, as roças de milho ou as plantações de bracatinga. Em sua expansão, não se limitaram os colonos a ocupar as áreas situadas entre os núcleos oficialmente fundados. Muitos dentre eles vieram se estabelecer nas terras de campo tão próximas da cidade, mas o tipo de ocupação do solo não se modificou e se repete aí a paisagem da zona colonial de origem na área de mata.

Apenas em dois pontos da bacia sedimentar a paisagem revela um tipo de aproveitamento diferente, uma ocupação mais completa e intensiva.

Trata-se de duas colônias de origem e idade bem diferentes, as únicas estabelecidas em terras de predomínio da área de campos.

A primeira é a colônia Afonso Pena, fundada pelo governo estadual em 1908, próximo a São José dos Pinhais e a 35 quilômetros de Curitiba. Criada com o objetivo de aplicar os ensinamentos do Instituto Agrônomico que aconselhava o aproveitamento dos campos limpos para a lavoura, aí foram instalados imigrantes de diferentes nacionalidades predominando entre eles os poloneses, seguidos dos austríacos e alemães⁷.

Dispondo de pequena área de matas, dedicaram-se os colonos ao cultivo nos campos, aí praticando uma rotação de culturas associada à criação de gado. Talvez essa associação se deva, em parte, à influência dos elementos alemães, austríacos, holandeses e suíços aí instalados quando da fundação da colônia, mas o fato é que o sistema se generalizou, mesmo entre os poloneses, geralmente desinteressados da criação de gado. Estes, aliás, representam hoje a quase totalidade da população de Afonso Pena.

Os primeiros relatórios oficiais (vide nota 7) assinalavam a coexistência da lavoura e da criação, mas, embora fosse intenção do governo ao fundá-la tornar Afonso Pena uma colônia modelo, não repetiu alhures a experiência, nem as outras colônias já criadas se deixaram seduzir pelo modo de aproveitamento da terra aí adotado.

Apesar da distância relativamente grande do centro consumidor — se considerarmos que o veículo utilizado é sempre a canoça — puderam os colonos se dedicar à criação de gado leiteiro, fabricando queijo e manteiga a domicílio e, só mais recentemente, organizando-se para isso em cooperativa⁸.

⁷ De acordo com o relatório da Secretaria dos Negócios de Obras Públicas e Viação em 1909, havia na colônia 31 famílias russo-polacas, 17 austríacas, 14 alemãs, mais algumas suíças, espanholas, uma italiana, uma belga e uma norte-americana. Em 1911, assinalavam-se 36 russo-polacas, 72 alemãs, uma norte-americana, uma belga e uma espanhola. (FERREIRA DOS SANTOS, Claudino Rogoberto — Relatório da Secretaria dos Negócios de Obras Públicas e Viação 1909 e 1911)

⁸ Lamentavelmente, a maior parte desta colônia foi desapropriada pelo Governo Federal, para a construção de uma base aérea, mas o estado providenciou a localização dos colonos prejudicados em uma área denominada Guatupê, também situada em zona de campos.

Bem mais tarde veio a ser repetida a experiência de Afonso Pena, desta vez em uma colônia particular, formada por um grupo de menonitas, a 12 quilômetros a sudeste de Curitiba: núcleos Xaxim e Boqueirão

Tendo vindo de Santa Catarina em 1933, adquiriram eles uma fazenda de gado onde predominavam as áreas recobertas por campos. Nos 100 alqueires paulistas que compõem o núcleo menonita — viviam, em 1950, 132 famílias, cada uma cultivando intensivamente seu pequeno lote de campo, produzindo especialmente forragens destinadas ao gado leiteiro, para o qual alugava-se um pasto comum, de 140 alqueires. Por intermédio de uma cooperativa de consumo adquiriram os colonos o que não podiam produzir para as rações do gado, o qual é todo ele estabelecido, sendo a quantidade de leite produzida suficiente para satisfazer 70% do consumo de Curitiba.

São esses os únicos casos de agricultura intensiva em função da criação de gado leiteiro em toda a zona colonial de Curitiba. Para esse tipo de aproveitamento racional também está evoluindo a colônia Murici, como foi por nós salientado, embora a criação de gado não seja aí o objetivo principal, a ela tendo reconhecido o colono mais com o fito de obter adubo para melhorar suas culturas.



FOTO 6 — Habitação rural típica das colônias Xaxim e Boqueirão a SE de Curitiba, revelando o padrão de vida elevado dos colonos. No primeiro plano, montes de feno.

(Foto Nilo Bernardes)

Examinando a disparidade nos sistemas agrícolas adotados na região colonial de Curitiba, logo somos obrigados a afastar o princípio da influência da maior proximidade do centro urbano. Este parece ter sido, em parte, contrariado. Na verdade a cidade ataindo a mão-de-obra da zona rural e possibilitando a obtenção de renda fácil, com o fornecimento de lenha ou outras atividades contribuiu poderosamente para persistência de um sistema extensivo de ocupação da terra⁹.

A faixa de fornecimento de lenha associa-se em Curitiba à de produção de hortaliças, dissociando-se esta da de criação de gado de leite. A criação intensiva só se faz a 12, 20 ou 30 quilômetros, embora seja sempre a carroça o veículo utilizado, enquanto que, às portas

⁹ Inegavelmente, o surto de crescimento que Curitiba vem experimentando neste quarto de século é também um fator de influência apreciável. Toda a faixa rural confrontante, que em condições mais ou menos estacionárias mostra-se também estabilizada, sofre aqui também uma certa turbulência fundiária e demográfica que não é propícia à evolução técnica.

da cidade as capoeiras e as áreas ocupadas pela biacatinga evidenciam a importância da produção de lenha

Se não é ao fator proximidade do mercado que se pode atribuir o aprimoramento nos sistemas agrícolas em umas poucas colônias, este também não parece estar diretamente na dependência da influência cultural deste ou daquele grupo de imigrantes, nem se subordina ao princípio da uni-nacionalidade dos núcleos coloniais

Ao alinharmos o exemplo da colônia dos menonitas, devemos fazer ressalva quanto a certas características culturais que muito distinguem das demais as colônias deste grupo étnico. O forte espírito religioso e uma consciência grupal acentuada, que desde cedo lhes é inculcada os prendem à terra, fazendo com que evitem o bulício das cidades e levando-os a aprimorar as técnicas agrícolas. Por estas razões eles se distinguem como excelentes agricultores, em quase todos os pontos do globo em que estabeleceram suas colônias. Assim sendo, dão um exemplo flagrante do que até agora demonstramos: enquanto os núcleos de Xaxim e Boqueirão estão a uma distância razoável para o fornecimento diário de leite à cidade, permitindo que o desenvolvimento econômico se fizesse satisfatoriamente, o mesmo não aconteceu com as cem famílias que, com a mesma intenção se localizaram há mais anos junto ao bairro de Portão. Não puderam elas, apesar dos fortes laços espirituais já assinalados, fugir ao destino dos demais colonos da periferia urbana. Suas atividades rurais cingem-se a uma limitada agricultura suburbana, a principal atividade é o artesanato e, para grande sentimento dos líderes menonitas do sul do Brasil, numerosos jovens vão sendo absorvidos pela massa anônima de população citadina.



FOTO 7 — Preparo das terras de campos para o plantio de forragens na colônia menonita
(Foto Nilo Bernardes)

Em Afonso Pena, se a posição apresenta similitude com Xaxim e Boqueirão, as características sócio-culturais eram diversas e não interferiram da mesma maneira. Não houve, sequer, homogeneidade étnica justificando a coesão do grupo e a vontade comum de ligar-se à terra e prosperar. Entretanto, a presença de certos imigrantes tradicionalmente dedicados ao sistema de criação intensiva acamudou, certamente, o impulso que levou o núcleo a uma modalidade mais evoluída de utilização da terra.

Como vimos, no entanto, nem mesmo esta explicação poderá ser apresentada para a situação de Murici. E assim, de exemplo em exemplo a análise do problema da colonização e utilização da terra nas proximidades de Curitiba, leva-nos à convicção de que a explicação dos fatos é realmente complexa.